

THE
PROM

O BAILE DE FINALISTAS

Saundra Mitchell

com Bob Martin, Chad Beguelin e Matthew Sklar

THE
PROM

O BAILE DE FINALISTAS

Baseado no famoso musical da Broadway

Tradução de
MARGARIDA FILIPE

Amo-te, mamã.
Obrigada por me teres dado o mundo.

S. M.

Broadway Score! esteve à conversa
com Dee Dee Allen e Barry Glickman
nos bastidores do seu novo espetáculo,
ELEANOR!

(cont. da página 2)

Glickman e Allen recebem-me em pleno santuário, os bastidores do Alliance Theatre. Há, por toda a parte, indícios da peça em produção: uma fileira de cabeças de manequim com as cabeleiras grisalhas e as próteses dentárias que Allen usa para se transformar na Sr.^a Roosevelt, e, claro, a cadeira de rodas de FDR a um canto, com um charuto (verdadeiro) e uns óculos (falsos) pousados no assento. Não obstante a seriedade do tema abordado no espetáculo, Glickman, que conta com um prémio de teatro Drama Desk no seu currículo, e Allen, vencedora de um prémio Tony, trocam risadas entre si — e connosco.

Broadway Score! (BS!): Como se sente uma das grandes senhoras da Broadway...?

Barry Glickman (BG): Acho que esta pergunta é para mim, Dee Dee!

Dee Dee Allen (DA): Experimenta só tentar ser o centro das atenções e vais ver o que te faço, meu querido!

[Rimo-nos e reformulamos a pergunta.]

BS!: Como se sentem *dois* dos grandes nomes da Broadway por estarem a trabalhar juntos numa produção como *ELEANOR*?

DA: Sinto verdadeiramente que estou a mudar as vidas das pessoas. Não concordas, Barry?

BG: Sem dúvida. Cheguei à conclusão de que não há diferença entre uma celebridade e o presidente dos Estados Unidos.

DA: Quando chegar a altura de eu ficar com tuberculose, no segundo ato, até as pessoas sem coração estarão em pé.

BG: E soterradas debaixo de um monte de lençõs! Se os espetadores não saírem deprimidos da sala de teatro, não teremos feito bem o nosso trabalho.

DA: É aquilo a que se pode chamar poder. Poder a sério.

BG: Não querendo citar um certo espetáculo que deu cabo de um produtor, de uma estrela da música *pop* e de um herói dos livros de banda desenhada¹, mas muito poder acarreta muita responsabilidade.

DA: Eu cá... acho que estamos à altura.

¹ Referência ao musical *Spider-Man: Turn off de Dark*, cuja música e letras foram escritas por Bono e The Edge, membros da banda U2. (N. da T.)

Excerto de uma crítica no *The New York Times*

Se FDR pudesse aplaudir de pé, não o faria

... Dee Dee Allen dá vida a Eleanor Roosevelt do mesmo modo que um demónio se apodera da monstruosa boneca Annabelle nos filmes de terror homónimos, mas com menos graciosidade e encanto. Mais do que apresentar aos espetadores a faceta ativista da primeira-dama, Allen obriga-os a engoli-la à força — como um *cocktail* Molotov feito de uma bandeira norte-americana embebida em xarope e depois incendiada.

Desengane-se quem julgue que, em comparação com as patranhas históricas metralhadas por Allen a cada nova cena, Glickman proporciona umas tréguas. O FDR de Glickman é bem capaz de ser o mais insultuosamente equivocado e ofensivo desempenho que este crítico alguma vez teve o desprazer de ter de suportar. Um Glickman envelhecido e sem qualquer vestígio da garra e elegância do antigo presidente falha tão ridiculamente na sua tentativa de imitar o sotaque mesoatlântico, que vai parar algures a oeste de Nova Jérсия.

Se estava a pensar comprar um bilhete, aqui fica o meu conselho: é preferível encontrar uma forma de apanhar tuberculose. É uma doença horrível, mas ainda assim muito melhor do que assistir ao definhar desta Eleanor de tossidela em tossidela como se estivesse a morrer em câmara lenta.

1. Edgewater, Indiana

EMMA

Nota para mim própria: não sejas homossexual no Indiana.

Na verdade, trata-se de uma nota para todas as outras pessoas. Eu já sou homossexual no Indiana e, alerta de *spoiler*, é uma porcaria.

Revelei-o na Internet antes de o revelar aos meus pais — no meu canal no YouTube, «Emma sings» (basicamente, eu, a minha viola e *covers* das músicas mais populares no momento). Há mais pessoas a deixar comentários se cantar canções que elas conhecem, e eu gosto de receber comentários. Como não tenho muitos amigos, esses simples «olás» virtuais fazem-me sentir menos só.

A minha intenção não é que alguém «descubra» o meu talento ou algo do género. Para começar, isso, literalmente, nunca acontece e, além do mais, a fama é algo que me apavora. Eu já me sinto como se toda a gente soubesse tudo sobre a minha vida. Isto, claro, porque, *efetivamente*, toda a gente sabe tudo sobre a minha vida. Bastou um deslize e, de repente, toda a gente sabia.

Eis o que se passou.

Imaginem o verão antes do primeiro ano do secundário. Imaginem-me toda tímida e com uns óculos com armação em massa, que fazem com que fique com olhos de coruja num piquenique do grupo de jovens da Vineyard, que é uma igreja daquelas modernas com toda uma marca por trás e pastores para a juventude que tocam bateria.

A Vineyard causa muita irritação entre as demais igrejas, como, por exemplo, a dos Primeiros Luteranos e a dos Missionários Batistas Livres, e todas as outras com locais de culto mais tradicionais que se amontoam em Edgewater, Indiana. Digamos que os *placards* foleiros que tinham à entrada a dizer coisas como «Nesta igreja, basta que cá esteja» adotaram um tom bem mais mordaz desde que a Vineyard existe.

Obviamente, isto significa que todos os adolescentes querem frequentá-la. É rebeldia ao mais alto nível, não diriam? «Não, mãe, eu prefiro ir à igreja fixe, onde posso assistir à missa de calças de ganga!» Obviamente, isto significa também que, de repente, uma confraternização do grupo de jovens deixou de se limitar a algumas bebidas e uns aperitivos e sobremesas num salão paroquial lúgubre para passar a ser sinónimo de um grande piquenique ao ar livre — mas a comida continua a ser do pior que há, porque, afinal de contas, trata-se de um evento organizado pela igreja, para o qual todos têm de contribuir com alguma coisa.

Foi assim que dei por mim com um prato de almôndegas minúsculas com molho *barbecue*. Já ouvi demasiadas histórias arrepiantes sobre saladas de batata e saladas de ovo e saladas com massa ou, de resto, qualquer salada com maionese, o ingrediente que liga todos os outros, e também já li algures que as cenouras *baby* são cenouras normais que não foram aproveitadas e que, depois de mergulhadas em lixívia, são raspadas, por isso também não lhes toco.

Uma panela de almôndegas a fumar não combina lá muito bem com uma tarde de verão divertida (a não ser talvez na Suécia?), mas pareceu-me uma aposta segura. Enchi o meu prato e agora estou a tentar encontrar uma forma de comer sem me sujar. Estas malditas não se dão bem com talheres de plástico, que é o que tenho à mão.

Há uma fila para as mesas onde nos podemos servir de comida e não estou com vontade nenhuma de esperar pela

minha vez só para tirar uma colher. Também não me apetece ser o centro das atenções por ter passado à frente de todos com a desculpa «Oh, só preciso de uma colher!». Até as pessoas mais adoráveis do mundo são olhadas de lado por furarem a fila num destes piqueniques-da-igreja-em-que-cada-um-leva-alguma-coisa-de-casa, e eu sou, na melhor das hipóteses, uma rapariga desajeitada meio querida.

Além disso, quem é que come almôndegas com uma colher? «Colherada de Almôndegas» não seria o primeiro insulto que alguém me dirigia, mas, de momento, acho que seria o pior de todos.

Alerta de *spoiler*: não é o pior de todos. Mas já lá vamos.

Então, ali estou eu, a tentar comer sorrateiramente como uma ninja, e eis senão quando *ela* me surge à frente. Com o seu cabelo castanho ondulado, a sua pele bronzada, os seus olhos escuros. Ela para. Eu paro. O mundo para. É provável que o Universo pare, sei lá eu explicar a física envolvida.

Só sei explicar a magia. Porque, naquele instante, a Alyssa Greene olha para mim e transforma-se numa deusa. Uma deusa genial, amável, inteligente e divertida, com um gloss de lábios cintilante que, subitamente, quero descobrir a que sabe.

Malta, ficar com o coração a bater mais depressa por causa da Alyssa Greene não me apanhou de surpresa. Sempre gostei de raparigas. Costumava ser uma lésbica em miniatura. Quando andava no 6.º ano, era louca pela Madison da série *Não Me Dirijas a Palavra*, e não era por querer ser amiga dela. Agora, que sou adolescente, sou uma lésbica em tamanho normal. Penso (de forma impura) na Ariana Grande e acho que se tivesse a oportunidade de conhecer pessoalmente a Lara Jean de *A Todos os Rapazes Que Amei* poderia ajudá-la a escrever uma sequência alternativa intitulada *A Todas as Raparigas Que os Eclipsaram*.

O que me apanhou de surpresa foi o facto de a Alyssa esticar a mão, passando por toda a gente na mesa das sobremesas,

para me entregar um espeto gigante, dizendo, com um sorriso estonteante:

— É a única coisa que resulta.

Não fico admirada por ser simpática, mas por ter reparado em mim. Por, sabe-se lá como, eu não ser invisível aos olhos da rapariga mais bonita que alguma vez habitou este planeta. As surpresas não ficam por aqui, porque a seguir a sua mão toca na minha. E ela permanece ao meu lado enquanto vou empalando uma almôndega e outra e outra. E até aceita que eu partilhe uma com ela. ALI MESMO. NO PIQUENIQUE DA IGREJA.

No relvado, há pessoas a jogar *cornhole*² — que, por incrível que pareça, é o nome de um jogo em que tem de se atirar uma bolsa tentando acertar num alvo — e de uma coluna chega-nos *rock* cristão em altos berros, graças à *playlist* que o pastor Zak tem no seu iPhone. O céu é de um azul imenso e perfeito, e a Alyssa Greene grava o número dela no meu telemóvel. Depois, obriga-me a enviar-lhe uma mensagem, para também ficar com o meu.

Nessa noite, gravei uma *cover* de uma música da Taylor Swift para o «Emma sings». Tudo em mim era feito de fantasia e algodão-doce e, sem pensar duas vezes, declarei ao mundo que estava apaixonada por uma rapariga linda. Sem qualquer hesitação. Fiz *upload*, escolhi uma imagem minimamente decente como ícone e fui deitar-me.

A minha mãe foi acordar-me.

Tenho a certeza de que, um dia, isto não passará de uma história hilariante, mas ela acordou-me aos safanões e quase me colou à cara uma impressão da minha página no YouTube. Quando ela questionou «O que é isto?», limitei-me a responder «Sei lá!», porque, de facto, não sabia o que era aquilo.

² «Milho no buraco». (N. da T.)

— Não foi assim que te educámos! — vociferou ela.

— Assim *como*? — perguntei, porque, lá está, tinha acabado de ser acordada de um sono profundo com uma folha de papel quase a ser-me enfiada pela goela abaixo.

A minha mãe endireitou-se até ficar com a sua não muito impressionante altura total de um metro e sessenta.

— Sabes perfeitamente do que estou a falar, Emma.

Mas eu não sabia! Eles não me educaram para... cantar na Internet? Divulgar vídeos onde apareço vestida com o absolutamente incrível pijama cor de salmão que a minha avó me ofereceu no Natal?

Quer dizer, para ser sincera, após alguns segundos, o meu cérebro lá começou a funcionar. Na noite anterior, publicara um vídeo em que aparecia completamente sem filtro ou vergonha a fazer olhinhos apaixonados para a rapariga que me dera uma espetada de *marshmallows*. (E, modéstia à parte, a cantar uma versão perfeitamente aceitável de *Our Song*.)

Depois de eu o ter posto *online*, alguém da cidade deve tê-lo visto e — tendo esta delicada pessoa ficado incomodada — imediatamente informara a minha mãe. (Ela imprimira a minha página de perfil como quem imprime uma receita de *ramen*; é impossível que tivesse encontrado o vídeo sozinha.)

Suponho que na altura eu estivesse demasiado atordoadada para sentir medo dos meus pais, apesar de estar perfeitamente ciente do facto de eles terem frequentado, ao longo de toda a vida, uma igreja que oficialmente odeia os homossexuais, mas que, na prática, é «demasiado simpática» para dizer seja o que for em público sobre o assunto. Devo ter tomado o silêncio por aprovação, uma prática que a História já mostrou ser extremamente prejudicial. Pelo que disse a verdade.

— Simplesmente gosto dela.

— Pois bem, então podes parar de o fazer — exaltou-se ela, como se a homossexualidade fosse uma subscrição que

se pudesse cancelar, tipo a da Netflix. — Não quero cá disso nesta casa! Não quero cá disso enquanto viveres às minhas custas!

Se esta fosse uma daquelas histórias que nos aquecem o coração como uma tigela de canja de galinha, chegados a esta parte diria que, de facto, foi difícil durante algum tempo, mas que os meus pais se lembraram de que sou a sua única e preciosa filha e de que me amam incondicionalmente, após o que se tornaram membros da PFLAG³ e começaram a participar em Marchas do Orgulho usando *T-shirts* embaçosas a dizer «Free Mom Hugs»⁴ e «Free Dad Hugs» e que a minha namorada frequentava a nossa casa e, por altura de terminarmos o ensino secundário, já eles tinham parado de se referir a ela como a minha «amiga».

Lamento. Não há canja de galinha para ninguém.

Eles discutiram o assunto durante semanas: se deveriam mandar-me para um campo de férias de reorientação sexual ou emitir uma ordem de despejo. Acabaram por me deixar pegar na minha viola e nas cenas da escola, fizeram-me devolver as chaves e expulsaram-me de casa. As minhas roupas, o meu portátil e a caixa onde guardava todos os cartões de aniversário que recebera desde os seis anos de idade... bom, ouvi dizer que deitaram fogo ao que não puderam doar. Aqueles dois saíram-me cá uns melodramáticos!

Por isso, agora vivo com a minha avó, a dois quartos da casa dos meus pais, em Edgewater, no estado do Indiana. Sou a única *queer* assumida na minha escola... É caso para dizer que ainda bem que tenho o meu canal no YouTube.

³ Organização não governamental norte-americana que apoia a comunidade LGBTI. (N. da T.)

⁴ A organização Free Mom Hugs é um grupo de apoio à comunidade LGBTI fundado por Sara Cunningham e composto por pais e amigos. (N. da T.)

É tão banal, que até dói, e sei que nunca se tornará viral. Mas tenho alguns seguidores e, ao ler os seus comentários, é como se tivesse amigos. Amigos *queers*, amigos que pensam como eu. Preciso deles. Preciso tanto deles, que os encaro como um jogo de Pokémon QUILT BAG⁵: tenho de os apanhar a todos.

Há sítios onde assumir-se não significa autoexcluir-se. Nova Iorque, São Francisco... sítios imaginários em terras imaginárias, muito distantes. Mas o estado do Indiana não é um desses sítios. Por isso, o conselho que vos dou é: se puderem evitar, não sejam homossexuais no Indiana.

Não há aqui nada para vocês a não ser um grande desgosto.

⁵ Acrónimo usado em alternativa ao termo «LGBTQQ2IA*», por ser mais fácil de pronunciar e memorizar, significando: Q — *Queer*/Questionando, U — Indeciso/Indefinido (em inglês, *Undecided/Unidentified*), I — Intersexual, L — Lésbica, T — Transgénero/Transexual, B — Bissexual, A — Assexual, G — Gay. (N. da T.)

2. Edgewater, Indiana

ALYSSA

É provável que nunca por cá tenham passado, mas, deixem-me que vos diga, o Indiana é lindo.

Em certas noites, a Lua brilha por trás das nuvens com tanta intensidade, que o céu é pura seda cor de pérola. Levanto-me sempre às 5 da manhã para ir para a escola, e uma neblina prateada cobre as ruas. Mesmo antes de o Sol nascer, quando o autocarro onde sigo vira à esquerda para entrar na Estrada Regional 550, fica tudo tingido de roxo, depois lilás, depois rosa.

No verão, há pirilampos ao longo de hectares e hectares. Na floresta há um lago com água limpa o suficiente para lá se poder nadar. Ao longo das vedações, crescem framboesas e arandos e amoras que qualquer um pode apanhar e comer. Quando muda a estação, as cores do outono estão por toda a parte, e nos pomares de macieiras cada um colhe o que quiser. Já alguma vez comeram um daqueles bolinhos fritos ainda a fumer barrados com manteiga de maçã? É de comer e chorar por mais.

Temos o tipo de inverno que se vê nos postais de Natal. Colinas e planícies, um manto branco, o leve murmúrio dos flocos de neve a cair, noites tão escuras que se consegue ver a Via Láctea. Nos dias de céu limpo, os campos parecem prolongar-se até à eternidade. Grandes extensões de uma terra que brilha como prata dão lugar a um horizonte azul-glacial.

O Indiana é feito de cidades pequenas, desfiles para comemorar o Dia da Independência e basquetebol. Muito basquetebol. Demasiado basquetebol, diria mesmo. É o desporto-barra-religião deste estado. Se alguém chega ao ensino secundário sem antes ter jurado lealdade aos Hoosiers da Universidade do Indiana ou aos Boilermakers da Universidade de Purdue, é lançado às chamas do Inferno para toda a eternidade.

(Abre-se uma exceção para a equipa Fighting Irish — o amor à Universidade de Notre Dame está autorizado, mas dá direito a ser-se olhado um bocadinho de lado.)

Apoiar os Golden Weevils do Liceu James Madison, a equipa da nossa escola, é fundamental em Edgewater. O baile do regresso às aulas não serve para homenagear a equipa de futebol americano. Nada disso. *Essa* está em antepenúltimo lugar no campeonato estadual, é como se não existisse para nós.

Esse baile é uma homenagem à equipa de basquetebol. A eleição do rei e da rainha no baile de finalistas é uma homenagem à equipa de basquetebol. Os comícios antes dos jogos, a venda de bolos à fatia, a venda de papel de embrulho, a venda de baldes-gigantescos-de-pipocas... é tudo por causa do basquetebol. Força, Golden Weevils!

É por causa da equipa de basquetebol que os bilhetes para o baile de finalistas são racionados. Somando os jogadores da equipa principal, os da equipa júnior e os iniciados, são garantidamente cento e cinquenta atletas, com provavelmente cento e cinquenta acompanhantes, e, segundo os bombeiros, o nosso ginásio só comporta quatrocentas pessoas.

Quando os Futuros Protetores do Milho Nacional montam a sua banca no Corredor dos Campeões (também conhecido como o corredor à entrada da escola cheio de vitrinas onde estão expostos todos os troféus) para vender bilhetes para o baile de finalistas, têm consigo três *itens* essenciais:

1. Um cofre. Só se aceita dinheiro vivo, por isso, nem tentem pagar com um cheque dos vossos pais. Os FPMN comem cheques desses ao pequeno-almoço, mesmo que as vossas mães se esmerem na caligrafia.
2. Uma resma de bilhetes concebidos pelo único aluno da escola que sabe usar o Photoshop devidamente (sendo que a palavra-chave é «devidamente», porque aqui todos sabem aplicar os filtros do Instagram, mas, quando há texto envolvido, é como se uma publicação do Reddit desenvolvesse uma alergia à fonte selecionada e comesse a vomitar letras em Papyrus e Comic Sans.)
3. A lista. Esta lista tem duas colunas indissociáveis: «Nome do aluno» e «Nome do acompanhante». Ou se preenchem as duas, ou não se preenche nenhuma. Não há bilhetes individuais. É por causa desta lista que eu e a minha namorada temos andado a debater seriamente o baile de finalistas.

Este é o nosso último ano, esta é a nossa derradeira oportunidade. E eu quero, a sério que quero, ir ao baile e dançar sob uma lua de cartolina e estrelas feitas em papel de alumínio. Quero fitar os seus peculiares olhos cor de avelã que às vezes ficam azuis e noutras alturas verdes, dependendo da roupa que ela tem vestida. Quero envolvê-la nos meus braços e esquecer que o resto do mundo existe.

Mas o mundo não vai deixar de existir.

Não enquanto estivermos aqui. Não enquanto a minha mãe estiver de olho.

Que fique bem claro: não tenho vergonha de ser lésbica. Adoro o amor e adoro a minha namorada. Adoro sussurros quase impercetíveis e beijos secretos. Adoro aninhar-me com ela no sofá de textura estranhamente aveludada da sua avó

a ver um filme ao som da chuva que nos chega de oeste. Adoro que as nossas mãos sejam exatamente do mesmo tamanho, embora os seus pés sejam minúsculos, com dedos muito compridos. Quando ela canta, ainda a adoro mais. Gosto tanto dela, que até chega a doer, como se uma mão entrasse dentro de mim e me apertasse o coração até este se transformar num diamante.

Ela é tremeluzente como um pirilampo, porque o seu cabelo é loiro mas quase castanho, e os seus olhos são azuis mas quase verdes. Quando tira os óculos, gosto de ficar de nariz colado ao dela, simplesmente a perder-me no seu olhar. Isso fá-la rir-se e ficar corada, com as bochechas da mesma cor dos lábios. É difícil murmurar o nosso amor em vez de o gritar aos sete ventos.

Mas o problema é a minha mãe. Ela não está preparada. Está fragilizada neste momento. *Tem estado* fragilizada desde que o meu pai se foi embora. E foi tão fácil para ele ir-se embora. Simplesmente encheu um saco de ginásio com as suas roupas e desapareceu na noite. Agora tem uma nova família — bom, a julgar pela idade do meu meio-irmão, essa nova família não é propriamente de *agora*.

Desde então, a minha mãe vive numa delicada bolha de cristal. Acha que se for com mais frequência à igreja, se rezar com mais fervor, se limpar melhor a casa, se perder alguns quilinhos, se me educar como deve ser, se, finalmente, conseguir que a carne assada à maneira da sua sogra lhe saia bem, o meu pai regressará. Dá para ver essa convicção a faiscar nos seus olhos. É como se ela fosse um *Transformer* atingido por um raio. Tudo extravasa de dentro dela, quente e depressa e sem fim.

Este seu fogo significa que tenho de ser a melhor filha de sempre. As minhas notas têm de ser sempre excelentes, com disciplinas escolhidas a dedo para fazer disparar a minha média. As universidades a que me candidato como plano B

têm de ser as que os outros consideram a sua primeira escolha. Tenho de dar aulas de Catequese e as minhas turmas têm de fazer os melhores trabalhos manuais, aqueles que deixarão os pais em lágrimas, de tão preciosos que são.

Mas sou a presidente da Associação de Estudantes porque *eu* quis sê-lo. Porque achei que poderia mudar as coisas que é preciso mudar e reforçar as coisas que é preciso reforçar. Ainda assim, tenho de ir ao baile de finalistas num vestido lilás de alças fininhas que me dá pelo joelho e que a minha mãe só conseguiu pagar trabalhando sessenta e quatro horas por semana durante um mês. O corpete tem um bordado de cristais Swarovski. Cristais. Swarovski.

E porquê? Bom, porque ela é a presidente da Associação de Pais (lembrem-se: perfeita em tudo), que é quem organiza e supervisiona o baile. Este ano *será* perfeito, e será perfeito comigo *naquele* vestido, de braço dado com um rapaz de fato.

Um rapaz. Um rapaz qualquer. A minha mãe não sabe que rapaz será esse — mas ela lá tem as suas sugestões. Como, por exemplo, o Paolo, um estudante estrangeiro do programa de intercâmbio que frequenta a nossa igreja. Trata-se de um caloiro universitário em carne e osso, com a aparência dos caloires universitários das séries de TV, músculos esculpidos na perfeição e o modo de andar de quem sabe o que faz. Não me interpretem mal: ele é uma brasa. Mas é também quem anda secretamente enrolado com o maestro do nosso coro, portanto, *chuu*, isso fica só aqui entre nós.

Isto tudo para dizer que a bolha em que a minha mãe vive vai acabar por rebentar. Ela pode até estar convencida de que é uma fada do lar, mas está apenas a enganar-se a si própria. E ao mundo inteiro. A qualquer momento, o feitiço vai ser quebrado. Vai tudo cair-lhe em cima e eu vou ter de conseguir tirá-la do meio dos escombros.

É por isso que não quero ser a responsável por fazer soar a última badalada da meia-noite. E é por isso que tenho andado

não-a-discutir-mas-a-debater a questão do baile de finalistas com a minha namorada. Ela quer viver uma noite mágica. Eu também quero. Mas nós moramos em Edgewater, Indiana, e preencher aquela lista com os nossos nomes — Emma Nolan e Alyssa Greene — lado a lado significa mais do que comprar dois bilhetes para o baile no ginásio da escola.

A Emma sabe, melhor do que ninguém, o resto da história. Os seus pais continuam a ir à missa na igreja que frequento. Lá estão eles todas as semanas. Sentados no banco do costume. A olhar com as mesmas expressões impávidas de sempre para o vitral atrás do púlpito, onde está representado o Senhor com os fiéis a seus pés, o cabelo quase parecendo feito de ouro quando a luz incide diretamente.

O meu pai já desapareceu do mapa. A minha mãe vive no mundo da fantasia, onde provavelmente toda a gente canta e dança por tudo e por nada como num musical. Para mim, aceitar ir ao baile de finalistas é mais do que usar um vestido comprado para a ocasião. É escolher entre ser a filha ideal e irrepreensível ou pegar num taco de basebol e partir o coração da minha mãe em mil pedaços.

Ainda assim, quero voar livremente e aceitar ir e beijar a Emma à luz de uma bola de discoteca emprestada. Então, temos andado a debater. Não a discutir. Não quero que nos chateemos. Estamos na primavera e o Indiana voltou a ser belo. Aqui entre nós e o céu azul e as pereiras em flor e as tulipas com os seus pequenos tentáculos verdes ao sol, estou inclinada a aceitar. Eu quero aceitar.

Logo se vê.